

the North American Indian (1841), o viajante-pintor publica suas observações, enquanto organiza grandes mostras de seus quadros e de material etnográfico nos Estados Unidos e na Europa, familiarizando milhares de pessoas com o habitat e o índio americanos. Após uma apreciação de Catlin como artista e como observador de costumes estranhos, Hartmann apresenta e descreve 10 quadros existentes no Museu de Berlim, que, em sua maioria, retratam conhecidos personagens indígenas da história americana.

Balduin Möllhausen, popular pelos seus romances indianistas publicados entre 1860 e 1905, é analisado por Hartmann segundo os mesmos moldes. Não podendo ser equiparado a alguns de seus contemporâneos, apresenta entretanto grandes méritos, que residem principalmente no fato de ter descrito e pintado grupos que nessa época ainda eram pouco conhecidos, como os Mohave, Paiute, Yuma e outras populações do Colorado. Hartmann descreve 33 dos quadros do pintor-romancista, dos quais 27 foram destruídos durante a última guerra. Devido à feliz circunstância de existirem no Museu pranchas fotográficas das obras perdidas, a coleção pôde ser apresentada, e o autor reproduz 27 aquarelas de Möllhausen.

No final da obra se encontra uma rápida consideração dos precursores e contemporâneos de Catlin e Möllhausen, e de artistas posteriores, fornecendo assim um pequeno panorama crítico da pintura indigenista norte-americana. Uma farta bibliografia acompanha o texto.

Tendo em vista a importância da documentação iconográfica para os estudos etnológicos, aplaudimos a iniciativa de Horst Hartmann, compartilhando da esperança, por êle expressa nas últimas linhas de seu trabalho, de que os autores americanos em breve publiquem uma história compreensiva da pintura indianista, já que dispõem de rico material. Também à editôra um voto de louvor por acolher a publicação de obras dêste gênero.

Thekla Hartmann

*

HANS STADEN: *Zwei Reisen nach Brasilien*. Editado por Karl Fouquet. 198 págs., com ilustrações. Trautvetter & Fischer Nachf. Marburgo, 1963.

A "Verdadeira História" de Hans Staden, o primeiro livro que se publicou sobre o nosso país, é também o mais famoso de quantos tratam do Brasil antigo. Orçam por oitenta as diferentes edições que dela se fizeram, em muitas línguas, desde a *princeps*, de 1557. Durante séculos era em primeiro lugar o interesse pelas coisas estranhas e exóticas que lhe garantia constantes leitores. Hoje se acentua cada vez mais o seu valor como fonte de informações para a ciência: historiadores, geógrafos, lingüistas e sobretudo etnólogos encontram na obra elementos preciosos para os seus trabalhos.

No Brasil ficou ignorada por muito tempo. Saiu pela primeira vez em língua portuguesa no ano de 1892, traduzida por Alencar Araripe; em 1900 seguiu-se uma tradução de Alberto Löfgren, mais tarde revista e anotada por Teodoro Sampaio (1930). A mais correta é a de Guiomar de Carvalho Franco (1942), baseada na transcrição em alemão moderno por Carlos Fouquet. Mas quem mais contribuiu para tornar conhecidas entre nós as aventuras do arcabuzeiro quinhentista aprisionado pelos Tupinambá foi Monteiro Lobato. Além de editar o texto "ordenado literariamente" (várias vezes reimpresso desde 1925), teve a idéia de transformar a narrativa em livro infantil, que logrou extraordinária aceitação entre as crianças de todo o país. Carlos Fouquet tam-

bém preparou uma edição abreviada, sob o título de "O Prisioneiro de Ubatuba" (1949) e destinada primordialmente à juventude estudiosa.

De há muito se esgotara a transcrição em alemão moderno por Carlos Fouquet, publicada em 1941 pela Sociedade Hans Staden, de São Paulo. Cumpria que se reeditasse. Agora o texto aparece cuidadosamente revisto e corrigido, em linguagem escorregada e fluente, que se lê como se o livro fôra escrito em nossos dias. E com o benefício de manter o seu valor documental para fins científicos. Hans Staden não era homem de todo destituído de cultura literária, mas também não lhe cabe o título de estilista. A sua maneira de dizer é direta e tem sabor de naturalidade; falta-lhe, entretanto, qualquer toque de arte. Staden é canhestro no manejo da pena e a sua linguagem não tem o encanto, por exemplo, da frase de um Vaz de Caminha. Para apresentar o relato ao leitor moderno, dando-lhe feição elegante sem nunca prejudicar-lhe o verdadeiro sentido, mas ao contrário captá-lo com o máximo rigor, era preciso um grande domínio do idioma, além de fino tato. Mais ainda, um seguro conhecimento filológico do alemão falado no século dezesseis. E, por fim, era necessário familiarizar-se com as peculiaridades dialetais do linguajar do Hesse, território natal do autor. Não raro se impunha, pois, a tarefa de interpretar o original, determinando o valor semântico de palavras e locuções. Fouquet a realizou com senso crítico e paciência beneditina.

Hoje em dia, muito etnógrafo bisonho que se instale por algumas semanas numa aldeia indígena, sem mesmo abdicar de uns tantos requisitos para o conforto do homem civilizado, tende a apregoar a sua emprêsa como de "observação participante". Ora, observação participante quer dizer, entre outras coisas, que o pesquisador assume, na sociedade que estuda, um papel definido por padrões tradicionais. Muito a contragosto, é bem verdade, Staden se viu na contingência de desempenhar êsse papel: o de vítima destinada ao sacrifício. E isto por cerca de nove meses. Não é de admirar, assim, que tenha descrito melhor do que qualquer outro cronista ou viajante as atitudes e o comportamento dos Tupinambá em tudo o que dizia respeito ao tratamento dos prisioneiros e à prática da antropofagia. Neste particular a sua narrativa é a melhor das fontes que possuímos. Quanto a outros setores da cultura e da organização social, descreve-os com mais ligeireza ou nem sequer os menciona. E', aliás, o que se dá com todos ou quase todos os que informam sobre os silvícolas daquele tempo. Cada qual destaca de preferência os aspectos que o interessam mais de perto. Mas o conjunto dos testemunhos da época constitui um documentário tal que por meio dêle podemos hoje reconstruir a cultura tupinambá com maior riqueza de pormenores do que a de muitas tribos brasileiras visitadas por etnólogos profissionais. E Staden teve o privilégio — o infortúnio, diria êle, e com tôda razão — de ver os Tupinambá pelo ângulo mais representativo de sua organização social, isto é, com referência à captura dos inimigos e ao seu sacrifício. Não tivesse êle passado pela experiência por que passou e que, felizmente para êle e para a etnologia, não chegou ao desfêcho normal, haveria hoje uma lacuna grave e insanável na documentação.

A nova edição da "Verdadeira História" vem ilustrada com as xilogravuras da de 1557, com algumas figuras tiradas de outras obras e com dois esboços cartográficos. Em erudito posfácio, Fouquet estuda a história do livro e de seu autor e acrescenta para o estudioso um índice remissivo com notas históricas, geográficas, filológicas, etnográficas e outras.

Uma edição maior, com a reprodução crítica do texto quinhentista e preparada por K. Fouquet em colaboração com R. Maack, já se encontra no prelo. Sairá pela mesma casa editôra.

Egon Schaden